

As Revoluções que eu vi

FREDERICO VILLAR
Capitão de Mar e Guerra

... "une intégrité physique et morale absolue, parfaite; une culture professionnelle sans fissure et une force psychologique capable de triompher de tous dangers, d'accepter tous sacrifices"...

(*Maurice Larrouy* "Le Marin").

O *Almirante Luiz Filipe de Saldanha da Gama* nascera para comandar; tinha uma lhanza e uma afabilidade que convertiam a obediência formal em colaboração entusiasta, persuadindo sem impôr, ordenando sem irritar, corrigindo sem ferir. Livre de cuidados e preocupações de família, vivia exclusivamente para a Marinha, confundindo com ela a sua própria existência, devotado, jovial, ardente e infatigável no incessante afan de criar, inovar, melhorar, estimulando a todo o instante o espírito militar, buscando os efeitos impressionantes, os lances emotivos, pondo um cunho de solenidade nos atos mais simples da etiqueta e do ritual profissional.

Voltava o rosto às oportunidades que a anarquia política do país lhe abria, e, inteira e exclusivamente inspirado por uma mentalidade militar pura de toda ambição pessoal, preparava na coesão e na eficiência da Marinha, uma base sólida onde a Pátria havia de erguer-se acima das tormentas partidárias como num rochedo que a vaga bate mas não abala nem submerge...

"Avesso por princípio e por instinto a toda a idéia de revolta, jamais entrou em conluio de qualquer espécie".

“Não arguia, não requestava, e em lugar de ir aos encontros recusava-os; não arregimentava, não coordenava; fascinava pelo simples efeito da projeção de sua individualidade magnética, que irradiava um sentimento impessoal, místico, de dever profissional imune às exaltações da política, pairando acima da violência dos seus embates e todo êle exclusivamente votado à grandeza da Marinha e ao culto da grande Pátria comum.

“Não era a política que lhe trazia partidários, NÃO ERA UMA HOSTILIDADE A REPÚBLICA NEM UM PENHOR A MONARQUIA, QUE ÊLE, ALIAS, JAMAIS MANIFESTARA, que lhe avolumava as dedicações; era um ideal puramente militar e patriótico, alimentado por um intenso espírito profissional em sua veemente aspiração de uma Armada poderosa, disciplinada, instruída e eficiente, desfraldando bem alto e bem longe a bandeira do Brasil, querida e respeitada; apurando num regime de intensiva cultura militar as qualidades morais, intelectuais e físicas da raça, como um padrão da capacidade nacional, *sem quaisquer propósitos partidários nem intenções de ascendência política.*

“Em *Saldanha*, era sua pessoa que atraía a odebiência, sua voz que fundia as vontades e seu gesto que arrebatava as adesões.

“*Ele não admitia a intromissão dos militares na política partidária.* Considerava que sua missão era, colocando-se acima dos partidos, impedir as imposições facciosas que tolhessem a vontade da Nação e compromettessem sua segurança. **SINTE-TIZAVA O ESPÍRITO MILITAR EM TODA A PUREZA DE SUA ABNEGAÇÃO E EM TODA A NOBREZA DE SUA SUJEIÇÃO AO ESTADO.**

*

A voz que a barbaria sanguinária cortou a ferro frio nas macegas do Campo Osório não se calou para a História. Ela vibra ainda na memória dos cotemporâneos, nas palavras com que conduzia sua ação, alentava seu esforço e confortava seu ânimo; e revive na forma e no sentido dos feitos a que dava expressão e comunicava vigor.

“Quaisquer que sejam os argumentos técnicos, os motivos sentimentais e os preconceitos políticos com que se possa contestar as razões da conduta de *Saldanha* nas suas diversas fases, para julgar do acerto das suas decisões, verificar sua coerência que as impunham — passíveis de êrro, certamente, como todas e constatar sua conformidade com as terríveis circunstâncias que as impunham — passíveis de êrro, certamente, como todas as resoluções humanas — há-de-se nelas sempre reconhecer a pureza do Ideal que as inspirava, a nobreza do espírito que as animava, a ausência de desígnios secretos, sua constante e maior coparticipação pessoal nos riscos e sacrifícios que acarretaram, e de admirar com emoção a galhardia, a retidão, a lisura, a intrepidez e a inquebrantável energia com que as executou até o fim, legando à nossa formação racial um exemplo de tenacidade, de iniciativa, de perseverança e de audácia, na luta sem trégua contra desigualdades esmagadoras, exemplo sem igual na nossa história e que emula por sua grandeza épica as legendas garibaldinas”...

Este seria o Prefácio deste trabalho se ainda existisse o Almirante *Augusto Carlos de Souza e Silva*, o Guarda-Marinha — Aluno da turma formada pelo *Almirante Saldanha da Gama*, seu Ajudante de Ordens e seu companheiro durante toda sua ação revolucionária, por vezes servindo sob suas ordens diretas, no comando do rebocador armado *Gil Blas*, e, depois em Campo Osório, Prefácio que esposámos TENDO ÚNICAMENTE EM VISTA CONSTRUIR COM O NOSSO TESTEMUNHO PARA O PLENO CONHECIMENTO E PARA O EXATO JULGAMENTO DOS ATOS E ATITUDES DO ALMIRANTE CUJO CENTENARIO EM BREVE COMEMORAREMOS — sem que a nossa admiração e o nosso afêto pelo incomparável Mestre e inegalável Chefe — ainda maiores hoje, e o nosso orgulho por tudo o que êle representa de potencial racial da Nacionalidade, se empenhem, num esforço supérfluo e vão, em engrandecer ainda mais quem o conceito da Posteridade já proclama — o maior entre todos!

Assim falaria, com o seu formoso espírito, se ainda vivesse, o nosso bravo companheiro e saudoso amigo, antigo Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e autor da obra *O Almirante Saldanha e a Revolta da Armada*.

SALDANHA DA GAMA

*Bastos Tigre**à Frederico Villar.*

Há um nome que à Marinha o nobre peito inflama;
De um mestre em que se alia à cultura, o valor;
Em cascatas de luz seu saber se derrama
E, chefe, é o tolerante e o disciplinador.

Fidalgo pelo sangue, a Pátria é a sua Dama;
Tem os músculos de aço e um espírito-flor,
Luta e morre sorrindo; é Saldanha da Gama,
A elegância na força, a bravura esplendor!

Este nome é o fanal que a Marinha acompanha;
É bússola e santelmo; é o gênio tutelar
Que, do Brasil, defende a grandeza tamanha.

Em cada nau da Pátria ele tem um altar
Que ensina à juventude esta lição: — Saldanha:
Um cavalheiro em terra, um marujo no mar.



O Almirante LUIZ FILIPE DE SARDANHA DA GAMA

AS REVOLUÇÕES QUE EU VI

A sua vocação para a vida do Mar

“Les jeunes gens qui seront marins peuvent être repartis en deux classes: les “Predestinés” et les “Appelés”.

Les “Predestinés” appartiennent à des générations de marins. Les “Appelés” proviennent d'une famille agreste, industrielle, fonctionnaire. Rien ne leur est appris, depuis les premiers gestes de l'enfance, de la grande tentation navale... C'est un profond mystère!

S'il a réellement reçu le “Grand Appel”, il rejoindra vers la quinzième année, tous ceux qui sont installés par l'hérédité sur l'Océan. “Predestinés” et “Appelés” auront ensemble la religion commune. Entre ces marins de cœur et d'âme, il n'y aura plus de différence...

Et ce seront des hommes dans toute la force du terme, car ils devront vaincre eux-mêmes, les éléments, les autres hommes et les maladies mentales du Marin”...

(Maurice Larrouy. “Le Marin”)

A vocação pela vida do Mar é absorvente e indomável. Seja pelas leis biológicas da hereditariedade, seja pela influência do meio, seja por efeito de um misterioso fadário — o jovem que se sente atraído pelo Salso Elemento, em todas as suas belezas e perigos, jamais poderá fugir àquela propensão inelutável...

E' uma devoção contemplativa. E' um rito. E' um culto. Só os Eleitos de Deus a conhecem...

Desde a infância é para êle o maior dos prazeres ver e ouvir o Mar de horizontes infinitos, regougando nos arrecifes, empenachado nas cristas das vagas e nas arrebentações levantadas pelo ímpeto das ventanias. Sonha lançar-se intrèpidamente às suas águas cristalinas; vê-las abrirem-se em leque imenso, cobrindo as praias com as rendilhas de suas brancas espumas.

O navio arrebatá-o em seus entusiasmos infantis. Na sua vida ao ar livre, à beira-mar, faz-se homem robusto e bravo. A primeira viagem marítima, embalada pelas vagas irrequeitadas, motivo de martírios para os demais, "é para êle, o seu maior prazer, enlêvo e orgulho...

Aprende rapidamente a nomenclatura dos barcos e dos seus aparelhos — o casco, o cavername, os mastros, as velas, os cabos, os remos, o poleame, o leme. Sabe ler na rosa dos ventos os rumos da agulha. Conhece os quadrantes de onde sopram a brisa e o terral. Sabe os nomes dos planetas e das grandes estrelas. Guia-se pelas luzes do céu. A corrente marinha e as marés entram nos seus cálculos de navegação. Tem faro marítimo... Lê nas nuvens a previsão do tempo. Ama o Mar; quer viver ali todas as horas, gozar de suas delícias, passar pelos perigos, sofrimentos e desconfortos da vida nas águas salgadas. Tudo o seduz, encanta e delicia. Não há considerações ou interesse que o afastem daquela idéia fixa — o Mar daqueles sonhos — ser Marinheiro! Desde pequeno, nos jogos infantis, o barquinho é o brinquedo que êle mais ardentemente deseja e aprecia.

E êle o reproduz por toda parte, em seus desenhos e rabiscos.

Acocora-se à beira d'água, salta na onda, mergulha de olhos abertos. Nada como um peixe. Grava no cérebro, minuciosamente, todo o relêvo batimétrico e a natureza dos fundos das zonas em que navega. Conhece todos os animais marinhos e sabe pescar com arte admirável. E' o seu elemento. E um pequeno sábio! Para êle não há segredos dentro das águas. Teme o *Saci Pererê* e a *Iara sedutora*, mas sabe afrontar as mais terribes tormentas. Não importa onde viva — no litoral ou no interior — o Mar o atrai irresistivelmente. E', talvez, o sangue dos seus antepassados que palpita em seu coração, que lhe ilumina o cérebro, que irradia, que fala na árvore infinita dos seus Avós mareantes, que viveram, batalharam, sofreram e morreram no Pélago profundo e aos quais Deus permitiu por fim, a graça de transformarem suas almas em aves marinhas que nunca mais pousaram em terra e viverão eternamente a rodar, a rodar na esteira dos navios, longe, bem longe, no Mar imenso...

E' — quem sabe? — o mistério do atavismo inopitável, conduzindo-o fatalmente a determinados destinos, ao rumo e no ritmo traçados pelos seus ascendentes. Será, talvez, a sua eleição para gloriosas Realizações! Quem poderá desvendar os desígnios da Divina Providência?!

Pescador — em uma jangada, baleeira ou tróler, da “costeira” ou do “alto”; embarcado de um mísero caïque; tripulante de um veleiro da pequena cabotagem ou transmarino; de um vapor ou de um navio de guerra — êle será sempre o mesmo cuera, safo, destorcido, valente, que sope, enxárcias e brandais acima, até o toque dos mastros; é um herói que se agüenta debruçado nas vêrgas mais altas, apenas apoiado nos “estribos” inconsistentes e afrontando os balanços do navio e a força do vento, ameaçando atirá-lo longe, lá no função trevoso do Mar; segura-se com dois dedos do pé descalço equilibrando-se na borda de uma embarcação sacudida pela onda impetuosa, e salta na bancada e empunha o remo ou a cana do leme; sabe caçar a escota da vela enfunada pela rajada violenta, com o barco à bolina, todo adernado, debaixo do aguaceiro — correndo com êle sôbre o Mar, marcando com a fervedura da sua esteira branca a superfície das águas azuis do Oceano...

Esta será o estrada na qual Deus abrirá passagem através das águas, para o seu futuro, como o fez no Mar Vermelho para seu Povo Escolhido, em marcha para a Terra da Promissão... Porque Deus é o Supremo Timoneiro do Mundo; governa os homens, os ventos e os mares. Abençoando as gerações dos Marujos. Êle tirou das praias da Galiléa os humildes pescadores para serem os Apóstolos do Redentor e fez da âncora o símbolo sublime da Esperança e da Fé. Ninguém vence, por isso, fôrça tão poderosa — a vontade de Deus na voz da Tradição, na sagrada herança da alma de antepassados varonis que fizeram do Mar o campo de suas proezas heróicas através dos séculos...

*

Saldanha quis ir para a Marinha. Seu Pai — *D. José de Saldanha da Gama* — e sua Mãe extremosa — *D. Maria Carolina Reis Barroso de Saldanha da Gama* — descendentes dos *Marquêses de Pombal* e dos *Condes da Ponte* — tiveram nisso muita satisfação.

Viviam na bela Fazenda do Colégio — “reliquiã venerável plantada pelos Jesuitas na vasta planície goitacá, não longe da cidade de Campos, onde vamos encontrar o menino *Luiz Filipe*, nosso futuro Almirante, a quem estavam reservados tão altos destinos, embevecido pelas belezas do Mar, que ribombava nas praias da Atafona e em S. Thomé...

“Dos compartimentos do edificio do Solar — lembrados do tempo antigo pelas guarnições compostas de jacarandá, diz com a sua graça inexcédível, *Alberto Lamego*, brilhante autor da “Terra Goitacá” — as cadeiras e canapés, de pernas arcadas, as grandes mangas e candelabros de cristal lavrado, os serviços de porcelana armoriada, os armários caprichosamente rendilhados por mão mestre de marceneiros — há um, que se destaca.

“Entre os quartos enriquecidos de preciosas camas de jacarandá com laves, um existe carinhosamente venerado. É o de *Saldanha da Gama*, com o seu pesado leito, esquisitamente torneado. “Que jamais se desmorerem tuas muralhas —

diz o laureado historiador fluminense — que jamais se desmoronem tuas muralhas. Solar venerável, que aninhaste os émulos de *Anchieta*, que acolheste os índios perseguidos, que educaste o povo rude, pelo exemplo dos Senhores rurais; que amaciaste a escravidão e que viste, tantas vezes na farda de um Almirante Brasileiro, curvar-se respeitosamente o mais perfeito cavalheiro para beijar a mão calosa de uma negra velha”...

O destino reservava ao moço fidalgo de tão nobre estirpe longas viagens, combates sangrentos, belas elegâncias profissionais, que haviam de marcar sua carreira, e um fim muito triste, mas glorioso.

*

O mar atraía com seus encantos o jovem *Luiz Filipe*; o seu pensamento, expressão da energia do seu caráter, lhe abria caminho para realizar sua predestinação. No Paraíba correntoso, nas praias agitadas do Oceano ou nas lagoas tranquilas, êle punha a flutuar e a correr seus barquinhos de papel ou de pedaços de bambú — quando não traçava planos de campanha militares e, ao som de cornetas e tambores se lançava com seus companheirinhos, em tremendas batalhas campais...

Sua Mãe lhe ensinara como se fazia um chapéu armado com um pedaço de jornal; e, depois, aprendeu que, dobrado outra vez do mesmo jeito, êsse “chapéu” se transformava em um garboso barco... Enfeitou-o com mastros, transformou fósforos queimados em chaminés e canhões; embandeirou-o com trapos multicores. E fez uma Esquadra de brinquedos...

E de bicorne na cabeça e caniço na mão, todo cheio de convencimento e orgulho, como um grande Almirante, êle fazia manobrar os seus navios nas águas do grande tanque do jardim, que as mãos dos seus companheirinhos agitavam, para dar ao seu pequeno Oceano o aspécto tormentoso e a correnteza que tinham os mares singrados no remoto passado pelas naves comandadas por bravos maricantes, à sombra da Cruz de Cristo...

E foi assim que êle, tocado pela fôrça divina e misteriosa da sua vocação e depois de devidamente preparado no Colégio Pedro Segundo, nesta Capital, se viu certa manhã do ano da graça de 1861, todo garboso, metido na sua "jaqueta" de Aspirante, aquartelado no velho edificio da Academia de Marinha — lá onde hoje está o edificio da *A Noite* — estudando, remando em pesadas embarcações, praticando fainas náuticas a bordo dos navios da Esquadra, ouvindo missa aos domingos, obedecendo à dura disciplina e indo nos grandes dias, em cortejo, ao Paço da Cidade, beijar a mão de Sua Magestade o Imperador *D. Pedro II* e da excelsa Senhora *D. Teresa Cristina*, Imperatriz do Brasil...

Em 1863 — após curso notável e ocupando sempre o número um da sua turma — era Guarda-Marinha. Parte para a guerra. Pratica atos de distinta bravura. Dá provas de grande valor. Ascende rapidamente aos mais altos postos, gozando de grande renome e prestígio. E' Capitão de Mar e Guerra. Segue para os Estados Unidos em missão especial.



AS CAMPANHAS LIBERTADORAS. A QUESTÃO MILITAR. A QUEDA DA MONARQUIA

Agitavam-se então em todo o país, as campanhas libertadoras: A Abolição e a República.

Todos os dias — como dizia *Tobias Monteiro* — as tribunas e galerias da Câmara dos Deputados regorgitavam de espectadores e na rua sobrava tanta gente que as vizinhanças daquela Casa do nosso Parlamento estavam sempre muito povoadas. Como acontece em casos tais, essa turba era composta de elementos facilmente excitáveis e dispostos à violência; mas, pela condição do seu estado social, revoltados uns, contra a escravidão; outros, pelo verdor dos anos e o ardor da paixão liberal, manifestavam-se inconciliáveis com a madureza e a reflexão dos conservadores. Reinava por tôda parte uma grande excitação. Nos teatros da cidade, *Joaquim Nabuco* e outros tribunos intensificam a campanha abolicionista.

Na Fazenda do Colégio, logo depois da lei Rio Branco, de 1871, os Avós de *Saldanha* haviam libertado todos os cativos que possuíam... A campanha abolicionista não afetava os seus interesses. Os seus ex-escravos não os abandonaram.

A 13 de Maio de 1888, tinha termo, por fim, o regime servil entre nós. A lei era salutar, mas os escravocratas fizeram-se republicanos e começaram a conspirar...

A questão militar — na qual, aliás *Saldanha* tomou parte saliente — ocupava, porém, o primeiro plano das agitações da política nacional. “Ela excitou nas Classes Armadas o espírito da revolta, que precipitou a proclamação da República, já prevista por vários estadistas do Império, pouco confiantes no advento do 3.º reinado e para a realização da qual já era sensível a cultura das classes militares: — *Benjamim Constant*, no Exército e *J. Magalhães Castro*, na Marinha, ambos Professores, eram os grandes *leaders* da divulgação dessas idéias.

“Aos principais propagandistas da República, diz *Tobias Monteiro*, não repugnava a colaboração dos militares. Eles entendiam que sem o concurso do Exército seria impossível chegar à República e a República era para eles um ideal posto acima de certas condições fundamentais, indispensáveis à segurança dos Estados.



A Escola Militar tornara-se um centro de propaganda abolicionista e do seu seio saíam Oficiais e Cadetes que tomavam parte ostensiva em manifestações que não podiam agradar ao Governo. A Escola Naval acompanhava no mesmo diapasão seus camaradas do Exército.

Já em 1884, sob o ministério *Lafayette*, por ocasião da vinda ao Rio-de-Janeiro do jangadeiro cearense *Francisco Nascimento*, houve um sério incidente com o *Tenente-Coronel Sena Madureira* — que foi, pouco depois, um dos próceres da questão militar.

Os alunos da Escola de Tiro de Campo Grande — de que *Sena Madureira* era o Comandante — haviam ali recebido festivamente o glorioso pescador nordestino. *Madureira* foi por isso

castigado pelo Governo Imperial. A sua punição causou funda impressão de desgosto nas classes militares.

Deodoro surge aí como defensor da dignidade do Exército e patrocina uma reunião de Officiais, na Capital do Rio-Grande, para representar contra a doutrina do Ministro *Cândido de Oliveira*, ofensiva à sua honra e recusa-se a comunicar a *Sena Madureira* — que novamente caíra no desgosto do Governo — a advertência que o Ministro *Cotegipe* lhe fizera por causa de um artigo por êle escrito na *Federação*, de Pôrto-Alegre, e transcrito no *Jornal-do-Comércio*, do Rio.

Para apaziguar a ira do General alagoano pensa *Cotegipe* fazê-lo Senador e dar-lhe um título. *Deodoro* responde-lhe firmemente, declarando-lhe nada aceitar; que não se arrependia do que havia feito e persistia nas suas opiniões. E' exonerado das suas funções no Sul e chamado ao Rio, onde é duramente atacado por *Silveira Martins*, Senador pelo Rio-Grande, na tribuna do Senado Imperial.

A 2 de Fevereiro de 1887, convoca *Deodoro* — então "Quartel Mestre General" — cargo que corresponde ao atual Chefe do Estado-Maior do Exército — uma reunião militar no Teatro Recreio Drâmático, desta Capital, sob a sua presidência. Estavam presentes numerosos officiais do Exército e da Marinha.

A' mesa estavam *Sena Madureira* e *José Simeão*; como Secretários(*Benjamin Constant* e *Cunha Matos*. *Deodoro*, aclamadíssimo, apresentou a seguinte moção, unanimemente aprovada:

Os Officiais de terra e mar, presentes a esta reunião, não julgam terminado com honra para a classe militar o conflito suscitado entre esta e o Governo, enquanto perdurarem os effeitos dos avisos inconstitucionais, que foram justamente condemnados pela imperial resolução de 3 de Novembro último, tomada sobre consulta do venerando Conselho Supremo Militar". E após outras considerações judiciosas termina assim:

"Resolvem dar plenos poderes ao Exmo. Senhor *Marechal de Campo Manuel Deodoro da Fonseca*, presidente desta reunião, para representá-los junto ao Governo de S.M. o Imperador, no intuito de conseguir uma solução completa do conflito, digna do mesmo Governo e dos bríos da Classe Militar".

O Ministro da Guerra demitiu-se. *Deodoro* foi exonerado do Quartel-General. Em Pôrto-Alegre houve reunião semelhante, presidida pelo General *Cândido Costa*, ouvindo-se ali discursos violentíssimos. Os incidentes com o Exército continuaram, cada vez com maior gravidade, até Março de 1888, quando a Marinha foi duramente ofendida com maus tratos inflingidos a um Capitão-Tenente reformado, *Leite Lobo*, prêso no xadrez de uma Delegacia da Polícia desta Capital.

O Clube Naval, em sessão permanente, presidida pelo Almirante *Wandenkolk* — e a Marinha em pêso — reclamam reparação pelo agravo que lhes havia sido feito, exigindo a punição dos culpados e a demissão do Chefe de Polícia, que, acobertado pelo Ministro da Justiça — e êste pelo Chefe do Gabinete — pretendia justificar a violência praticada contra o referido Oficial. E assim foi feito, mas estavam inteiramente rotos todos os laços que prendiam a Armada ao regime imperial e aos seus *leaders* políticos, já seriamente abalados, senão inteiramente desfeitos pela inteligente propaganda republicana realizada pelo Dr. *Magalhães Castro*, queridíssimo Professor da Escola Naval, onde havia até um Clube Republicano, presidido, creio, por *Vital Brandão Cavalcanti*, hoje Almirante, Engenheiro Naval, Reformado.

Naquele tempo, os Officiais reformados podiam exhibir em público os galões da sua farda gloriosa e as condecorações ganhadas em porfiadas batalhas na defesa da honra e da integridade do Brasil; eram figuras obrigatórias que fulguravam com seus uniformes e medalhas nos salões do Paço Imperial e na alta sociedade carioca, que os rodeavam de atenções e prestígio...

Era o Passado, de sofrimentos e glórias, que eles representavam...



A REPÚBLICA

E com mais êste incidente, desta vez diretamente com a Marinha, os ânimos das Classes Armadas encheram-se de irritação e a crise deixava de ser de partidos ou govêrnos, para

assumir o caráter mais agudo e mais grave — a falência do regime e o desejo e propósito de derrubá-lo.

Nos últimos dias do Governo *Cotegipe*, houve “declarações” no Senado e na Câmara do Império. *Silveira Martins* apresenta uma violenta moção contra os militares. Numerosos Oficiais do Exército e da Armada reunidos no Clube Militar “em nome dos mais santos princípios da humanidade, em nome da solidariedade humana, em nome da civilização e da caridade cristã”, dirigiram uma moção à *Princesa Imperial Regente*, pedindo “que o Governo não consentisse que nos destacamentos do Exército, que seguissem para o interior, os soldados fossem encarregados da captura dos pobres negros que fugiam à escravidão, ou porque vivessem cansados de sofrer os horrores do cativeiro, ou porque um raio de luz de liberdade lhes houvesse aquecido o coração e iluminado a alma”.

“E esperavam que o Governo não consentisse que os Oficiais e praças do Exército fossem desviados da sua nobre missão”...

Nessa ocasião, o Senhor *Affonso Celso*, depois Visconde de Ouro Preto, declarava que “o partido liberal não poderia querer o poder pelo caminho que lhe abrissem as espadas e as baionetas do Exército; preferia o ostracismo”.

A 7 de Junho, *Ouro Preto*, no entretanto, organiza e preside o novo Ministério. A Conspiração republicana estava em marcha. A monarquia perdera as raízes que possuía no coração do povo, da Marinha e do Exército. A 9 de Novembro, *Benjamim Constant* recebe do Club Militar — em memorável assembléia — a Delegação de decidir da sorte da corôa. Na opinião de *Deodoro*, “a questão era simplesmente militar e bastava ao Exército derrubar o Ministério”. *Glicério*, *Bocayuva*, *Aristides Lobo*, *Benjamim Constant*, *Solon*, *Cantuária* e *Ruy Barbosa*, em casa do Marechal, procuravam, todavia, orientar sua ação no sentido da República. Ninguém deixaria de segui-lo...

*

A conspiração estava em via de execução. Era sabido. Só o Visconde de Ouro Preto não acreditava nisso...

Benjamim Constant — Diz *Tobias Monteiro* — achava que por maior que fôsse a sua confiança nos elementos agremiados, o golpe, sem Deodoro, seria incerto. Era preciso uma grande audácia e sobretudo um grande prestígio diante da tropa para arcar contra sessenta e sete anos de tradições monárquicas e quáse cinqüenta anos de reinado...

Afinal, *Deodoro*, em resposta a uma veemente exortação de *Benjamim Constant* — cuja palavra, “embora não lhe fosse habitualmente viva, teve de repente um verdadeiro rasgo de eloquência”, decidiu-se pelo novo regime.

Quando *Benjamim* se calou, o Marechal pausadamente disse: “Eu queria acompanhar o caixão do Imperador, que está velho e a quem respeito muito”. Depois, acrescentou: “Ele assim o quer, façamos a República!” “Não há dificuldade”; nas questões militares, sempre que abordei *Floriano*, êle declarou-me logo que se não meteria em cousa alguma para derrubar ministérios. Uma vez, porém, pegando com dois dedos no botão da farda, acrescentou — “*Seu Manuel, a Monarquia é inimiga “disto”; se for para derubá-la, estarei pronto*”... *Benjamim* teve a missão de entender-se com *Floriano*. E tudo correu suavemente...

A República foi proclamada, mas *Benjamim Constant*, à última hora, ACONSELHAVA O PLEBISCITO, ao qual, finalmente, não se cogitava mais recorrer — por desnecessário... O novo regime encontrava a Nação madura para recebê-lo. As Classes Armadas não foram senão o instrumento cívico da realização dos velhos ideais políticos da elite social.

Para justificarmos semelhante asserção, para termos uma justa e perfeita idéia da solidez da Monarquia, não ha necessidade de grandes estudos nem esforços. Define-a clara e positivamente o eminente Senhor *Dr. Affonso Celso Junior* em um memoravel discurso por S. Exa. pronunciado na Câmara dos Deputados a 6 de Junho de 1883 — assinalando, diz *Noronha Santos* — o divórcio cada vez maior entre a Monarquia e as chamadas classes conservadoras da sociedade brasileira.

Ei-lo em síntese: “Hoje é inegável que a mocidade que surge das academias, dos seminários, do Exército, da Armada, é francamente republicana...”

“*Martinho de Campos* declarou uma vez em plena Câmara, que tinha vergonha de ser monarquista e *Joaquim Nabuco*, um dos mais sólidos sustentáculos da causa monárquica, declarou também em pleno Parlamento que, neste país, havia mais coragem em ser monarquista do que em ser republicano...

“O partido republicano era, já então, um partido militante em S. Paulo, no Rio-Grande-do-Sul, em Minas-Gerais e no Rio-de-Janeiro. Mandava deputados às Assembléias Provinciais e à Câmara da Côrte, e em S. Paulo estava em maioria em grande número de Câmaras Municipais.

“Há dez anos ninguém falava em República. E’ raro agora o dia em que na tribuna e na imprensa não se chame por ela, e os governos ouvem os brados sem os poder reprimir.

“Juntae a isso, dizia mais o futuro *Conde de Affonso Celso*, as exigências de reformas, que cada vez mais acentuadamente se fazem sentir; a precária situação em que nos achamos em relação à crise do trabalho, as conquistas que o espírito público vai efetuando, e respondi-me, em consciência, se não vem perto a vitória do sentimento republicano, que tem calado fundamento na alma nacional. “*Não há no Brasil uma única classe interessada na manutenção da monarquia*. Não temos tradições monárquicas, não temos aristocracia.

“O FOVO É INDIFERENTE A FORMA DE GOVERNO. Todas as manifestações de vitalidade nacional têm sido em prol da República. Assim foi desde a Inconfidência Mineira até à Guerra dos Farrapos...

“A mole do país e as tradições o predispõem para outra forma de governo e no próprio seio do Governo se encontram francas adesões às idéias republicanas”...

*

Nessa época frequentava assiduamente a Escola Naval um jornalista paraense de nome *João do Régio*. Era um apaixonado propagandista da República e um “conspirador”... Publicava um pequeno pasquim, *O Clarim*, que espalhava entre nós idéias republicanas... Fez adeptos. No dia 14 de Novembro, um grande grupo de Aspirantes, informado da ação que os nossos camaradas da Escola Militar e do Exército estavam empreen-

dendo na cidade, arriou um grande escaler, remou para terra e foi apresentar-se às Fôrças que no Quartel General do Campo de Santana promoviam a deposição do Ministério e a mudança do regime. Foi ali armado, municiado e metido em forma. Eu era um deles. Ninguém nos pôde deter na Escola — nem mesmo a presença venerável do bravo Almirante *Elizário Barbosa*, o heróico Comandante do Couraçado “*Tamandaré*”, onde perdera um braço na passagem de Curupaití, na guerra do Paraguai, e era na Diretoria da Escola a mais viva expressão da dignidade e da justiça. Ali encontrámos outros Officiais e “Imperiais Marinheiros” entusiasmados pelo Movimento. *Wandenkolk* e *Alexandrino* os chefiavam.

As insensatas e injustas desconsiderações dos políticos civis dominantes, para com as Fôrças Armadas — já amplamente trabalhadas pelos propagandistas republicanos — culminaram com a proclamação de 15 de Novembro. A Nação recebeu a Revolução vitoriosa sem surpresa e sem protesto. Aceitou-a com indiferença...

Deodoro, que nunca fôra republicano e privava da amizade pessoal do Imperador e da *Princesa Isabel*, representava no momento a honra da nossa farda duramente ofendida, reagia contra um tratamento que a ética profissional considerava atentatória ao patrimônio moral dos militares, mas era simultaneamente e sobretudo autêntico delegado da Vontade Nacional. Não houve reacção, a não ser a do Almirante *Ladário*, Ministro da Marinha, que foi ferido por um Oficial do Exército, próximo ao Quartel-General.

Proclamado Generalíssimo e Chefe do Governo Provisório da República pelo “Exército e a Armada, em nome da Nação”, o *Marechal Deodoro* não encontrou tropeços sérios em sua organização inicial. Graças à preciosa cooperação da Marinha, o Imperador com a Família Imperial, camareiros e alguns amigos devotados, foram imediatamente embarcados na Corveta *Parnaíba*, do Comando do Capitão de Fragata *Carlos Palmeira*, seguindo para a Ilha Grande, onde o *Alagoas* os foi receber e levar para Lisboa, comboiado até certa distância — à altura da Bahia — pelo *Riachuelo*, comandado por *Alexandrino de Alencar*.

Luiz Edmundo, brilhante escritor e jornalista, profundo conhecedor dos acontecimentos do *Rio-de-Janeiro do meu tempo*, conta em interessante reportagem, "*Como se fez a República*" — depois que o relógio da torre de São Francisco de Paula bateu a última badalada da meia-noite de 14 de Novembro de 1889... E' pitoresco. Vale a pena lê-lo.

Eleita a Constituinte, iniciaram-se calma e patrioticamente os trabalhos de organização do país, produzindo-se uma Constituição digna de nós.

Isso, porém, não durou muito tempo; sem melhorar os velhos processos, que a nossa falta de educação cívica explicava, os dominadores republicanos enveredaram pelo caminho tórvo do mais violento caudilhismo — Senadores e Deputados — mais que dos interêsses da Nação, cuidavam dos seus interêsses particulares. Sem novas eleições, transformaram as Câmaras Constituintes em Câmara e Senado da República!



A OPOSIÇÃO AO MARECHAL DEODORO, A REVOLUÇÃO DE 23 DE NOVEMBRO DE 1891

O Senador *Glicerio* defendia no Senado a concessão de cem mil contos ouro de garantia de juros à Companhia "Hidráulicas", à qual seria entregue o vasto e precioso local onde está o velho Arsenal de Marinha desta Capital, cujas oficinas e outras repartições navais ali existentes seriam instaladas em outro ponto, que o Governo adquiriria para êsse fim.

O *Marechal Deodoro* negou-se a aprovar êsse custoso projeto aliás, também apoiado pelo Almirante *Wandenkolk* — Ministro da Marinha — e por todo o Ministério, que por isso se demitiu. Abriu-se então uma tremenda oposição no Congresso contra o Presidente. *Deodoro* organizou novo Governo, chamando para seu *leader* o *Barão de Lucena*. Os projetos vetados pelo *Marechal* voltaram a ser votados pelo Congresso, na mesma sessão, contra expressa disposição constitucional.

O Presidente da República era agora alvo de graves ofensas na tribuna de ambas as Casas da Representação Nacional. "Diariamente, dizia êle, sou ali injuriado, sem protesto do pre-

sidente do Congresso, dizendo-se até que tenho as “*unhas aduncas para escavar as arcas do tesouro nacional*”! “Dividido em duas facções inconciliáveis, dizia o *Barão de Lucena*, o Congresso não podia, imparcialmente, desenvolver as teses constitucionais e praticar nada de bom e proveitoso à República”.

Os Senadores e Deputados não arrefeciam a sua violenta oposição: negavam orçamentos ao Presidente e os mais essenciais recursos administrativos. Evidentemente a oposição era apoiada pelo Marechal Floriano.

A desconsideração do vice-presidente do Senado para com o venerando *Marechal Deodoro* chegara ao auge: comunicara-lhe a sua eleição por um simples ofício e, por ocasião da sua posse, como Chefe da Nação, deixara aquele glorioso soldado permanecer durante meia hora em pé, ofegante, no meio da multidão que enchia a sala de entrada do pavimento térreo do edifício do Senado, antes de ser S. Excia. introduzido no salão com as formalidades protocolares; e o que é mais censurável, abandonando a cadeira presidencial para ir, com os seus secretários, em comissão, receber o Vice-Presidente da República, deixando o Generalíssimo sozinho, isolado, na mesa!

Conta *Tobias Monteiro* que *Lucena*, tentando apaziguar a situação, oferecera ao *Marechal Deodoro* demitir-se todo o Ministério, indo procurar o *Marechal Floriano*.

Era quando diziam aproximar-se do Brasil uma Fragata Austriaca, trazendo entre seus oficiais o *Príncipe Augusto*, ex-oficial da nossa Marinha de Guerra, a quem o nosso Ministro em Viena, Senhor *Gurgel Valente*, acusava de pretender o trono perdido por *Pedro II*, seu Avô, em 1889, escrevendo nesse sentido ao Ministério do Exterior.

Essa Fragata nunca chegou ao Brasil e isso, de resto, não teria a mínima importância.

Floriano teve nessa ocasião uma expressão injusta e infeliz para com a Marinha, dizendo a *Lucena*: “*Sei que os sebastianistas conspiram e conspiram porque CONTAM COM A MARINHA, DA QUAL DEVE V. EXCIA. DESCONFIAR*”!

Como duvidar da tradicional lealdade da Marinha, lançando-se-lhe semelhante injúria?! Se a Marinha fosse monar-

quista e estivesse tramando contra o novo regime, como *Floriano* incompreensivelmente afirmava, os navios de guerra se teriam oposto à saída da Família Imperial; a corveta *Paraná* não a teria levado à ilha Grande; o *Alagoas* não teria partido dali e o *Riachuelo* teria despejado os seus canhões contra os revolucionários de 15 de Novembro e levado o Imperador, de Mauá para qualquer cidade marítima — a Bahia por exemplo — e ali iniciado a reação. *Se a Marinha fosse monarquista, a República não teria sido proclamada a 15 de Novembro!* Ela sinceramente cooperou com os republicanos e a nada se opôs. Não o fez porque a Marinha não é um corpo à parte; é o reflexo da Nação, em cuja alma os nossos imperantes já não reinavam e nada a levaria a qualquer sacrificio pela monarquia e a opor-se a um regime unânime no Continente e francamente desejado pelas classes cultas do país. O *Marechal Floriano* devia saber que a sua afirmativa carecia de fundamento e que os seus conceitos contra a Marinha eram profundamente errados.

*

O único Oficial da Armada levemente acusado de ser “inimigo de República e com idéias restauradoras”, era o *Almirante Luiz Filipe de Saldanha da Gama*, a quem, aliás, o *Marechal Floriano* distinguia. Analisemos a justiça de semelhante acusação:

A proclamação da República encontra-o fora do país, representando o Brasil em um Congresso Marítimo Internacional, reunido em Washington, nos Estados Unidos. Regressa pouco depois ao Rio-de-Janeiro.

Alheio, como sempre, às agitações partidárias, aceita a nova situação como um fato consumado e, patriota esclarecido, compreende pertetamente a inutilidade e a inconveniência de qualquer esforço para restabelecer o regime imperial. Os acontecimentos de 15 de Novembro haviam demonstrado que, a despeito da veneração que o *Imperador Pedro II* inspirava a toda gente, a Monarquia não tinha vibrações na alma popular. Não houyera, em todo o Brasil a mais leve tentativa de reação con-

tra os revolucionários de 89. *Saldanha* volta ao Serviço sem quaisquer preocupações políticas.

O *Almirante Wandenkolk* — primeiro Ministro da Marinha da República e grande admirador das virtudes cívicas e privadas dêste brilhante Oficial — então Capitão de Mar e Guerra — recebe com efusão o seu distinto camarada e nomeia-o Comandante Geral do Corpo de Marinheiros Nacionais (ex-Imperiais Marinheiros), com sede na fortaleza de Villegagnon, dando-lhe carta branca para reorganizar o pessoal inferior da Armada.

Com o entusiasmo que sempre imprimia às comissões de que o encarregavam, *Saldanha* entregou-se de corpo e alma à importante tarefa que o Governo da República lhe confiara. *Nunca se ouviu da sua bôca ou se leu da sua pena o mais leve indício de mau humor ou de desgosto pelo novo estado de coisas no País.* As suas relações oficiais e particulares com o *Marechal Deodoro*, com os seus Ministros e com um grande número de Officiais do Exército — que êle muito prezava — não fizeram senão estreitar-se.

Alexandrino de Alencar, seu ex-Imediato no encouraçado *Riachuelo* e seu amigo pessoal, fôra um dos Officiais da Marinha que tomaram parte ativa na proclamação da República; e *nunca a sua attitude republicana merecera de Saldanha a mínima observação!*



O CULTO DE SADVANHA PELA MARINHA

Em 13 de Maio de 1891 *Saldanha* organizou e comandou pessoalmente uma linda parada com cêrca de dois mil homens da Marinha, passados em revista pelo Chefe do Estado.

Os Marinheiros, vestidos com os novos uniformes, traçados por êle; armados com fuzis, metralhadoras e canhões de desembarque dos tipos mais modernos, levando flores nas bôcas das armas, marchavam e evoluíam com grande garbo e correção, causando magnifica impressão ao *Marechal Deodoro*, aos Ge-

nerais que o rodeavam no pavilhão presidencial, e ao povo, que, surpreso e enlevado, fez-lhes uma grande ovação.

Saldanha foi então promovido a Contra-Almirante. Tinha nessa ocasião menos de 45 anos de idade, o que era extraordinário naquela época.

Deodoro incorporara-o ao novo regime. Sem renúncia ostensiva de sentimentos pessoais que por ventura aninhasse em seu coração, *Luiz Filipe de Saldanha da Gama* — sem quebra da sua dignidade militar — pelo único fato de sua não excessiva capacidade profissional, do seu valor, do apóio com que o punha em relêvo a opinião da Armada e pela importância que tinha o fator naval na estabilização da nova forma política e na unidade nacional — diz *Souza e Silva* — *emergia na manhã republicana como um esteio seguro do seu govêrno!* Em pouco tempo, *Saldanha*, pelo encanto do seu magnetismo pessoal, pela sinceridade dos seus propósitos, pelo calor de sua lealdade, tornou-se o amigo devotado, o colaborador íntimo, o homem de confiança do Generalíssimo proclamador da República, em cuja defesa empunharia a sua espada, resolutamente — como o fez pouco depois.

Sinônimo de honra, de lealdade e de bravura pessoal, *Saldanha*, alheio à política dos partidos, concentrava na Marinha, que êle queria poderosa, todo o seu patriotismo, todo o seu amor, tôda a sua alma de marinheiro, vendo nela uma salvaguarda para a Pátria e um instrumento da sua grandeza.

Era a Marinha, cuja oportunidade se desvendava à visão do seu gênio, que êle queria transformar em fôrça fiel e inabalável, na qual o povo brasileiro encontraria, ao lado do Exército, um baluarte de suas liberdades para acastelar-se contra as irrupções facciosas e decidindo dos seus destinos, sem a irresponsabilidade das violências demagógicas e sem a imposição das tiranias sectárias.

Tratou, pois, de tornar a Marinha uma potência respeitável, colaboradora do Exército na defesa da Ordem, sem a qual tôda idéia de progresso será vã e absurda — e principalmente sem a qual não é possível qualquer Organização Naval.

O seu prestígio pessoal junto ao Govêrno e em tôda a Nação tornara-se considerável.



A 3 de Novembro de 1891, *Deodoro* atacado desabridamente no Senado e na Câmara, que procuravam ostensivamente humilhá-lo, cercar-lhe a autoridade e desprestigiá-lo perante a Nação, dissolveu o Congresso. Não discuto o erro ou acerto do seu ato, certamente violento mas explicável, como os semelhantes que o precederam e mais tarde se repetiram na política nacional. O seu gesto foi apoiado por todos os Governadores de Estado, com exceção apenas do *Dr. Lauro Sodré*, Governador do Pará. A atitude desses Governadores teve grande repercussão e acelerou a revolução que pouco depois explodiu...

Eram grandes os interesses partidários feridos com este ato de *Deodoro*. Dêle se aproveitaram as oposições nos Estados, solidariamente apoiadas nesta Capital pelas "influências políticas". Não tardou assim a reação.



A REVOLUÇÃO DE 23 DE NOVEMBRO DE 91

O *Almirante Mello*, então Deputado Federal pela Bahia, reúne os seus amigos e, auxiliado pelo *Almirante Wandenkolk*, apodera-se de alguns navios de guerra que estavam na Guanabara. Sua capitânia atira para terra, alarmando a cidade, que não estava habituada a essas violências. Estoura a Revolução de 23 de Novembro de 1891.

O *Almirante Saldanha* — pessoa de confiança e particular estima de *Deodoro* — foi convidado para exercer a pasta da Marinha, em lugar do *Almirante Foster Vidal*, enviado em missão ao estrangeiro. Recusa. Prefere — e aceita — o cargo de Chefe do Estado Maior da Armada e prepara a resistência aos revolucionários; e os teria certamente batido se *Deodoro*, doente, cansado e enojado da política, não lhe houvesse enviado ordens terminantes para não agir, pois mandara chamar *Floriano* e renunciava em suas mãos a presidência da República. O Chefe do Estado-Maior da Armada obedece — exatamente

quando *Mello* encalhara o *Riachuelo* nos baixos de Niterói; o *Aquidabã*, sem máquinas, não podia mover-se senão a reboque e *Saldanha* os poderia atacar com o *Solimões*, que então se achava na Armação recebendo munições e cuja guarnição reforçara com destacamentos levados de Villegaignon. Quando os rebeldes chegaram àquele navio, já *Saldanha* se ia retirando para cumprir a ordem de Deodoro. Contou-me um Oficial do *Solimões* que *Saldanha* lhes dissera nessa ocasião: “Os senhores poderão tomar conta do navio, mas eu não ficarei seu prisioneiro” — E largou a lancha para terra.

Diante da resolução do Generalíssimo, *Saldanha* exonera-se e retira-se para a Fazenda do Colégio, velha propriedade dos seus Avós, em Campos. Renovaria ali as suas energias, na paz e na felicidade daquele meio tranqüilo, onde passara a sua meninice e onde ia, sempre que voltava de suas longas e interessantes viagens, para ver sua família e levar à sua Mãe Preta o calor do seu carinho e os presentes que êle especialmente comprava nos bazares de Tokio e Pekim, ou nos *magasins* de Paris para aquela “negra querida e boa”.

A Revolução de 23 de Novembro de 1891 vencera, assim, facilmente. *Mello* é o Ministro da Marinha e o grande *leader* do novo Governo, presidido agora pelo *Marechal Floriano Peixoto*.

Profundamente ressentido com o que se passara, recolhheu-se *Deodoro* à vida privada, falecendo meses depois.

A Revolução — apoiada e tecida pelo Vice-Presidente da República — triunfara. Os processos, porém, de que o novo Governo lançara mão para restabelecer a ordem legal e restaurar a “democracia”, derrubada pelo Generalíssimo em sua curta ditadura, levantava, por tôda parte, queixas amargas. Rebenta no Rio-Grande-do-Sul a Revolução Federalista, sangrenta e cruel. Um novo Movimento de processa em todo o território nacional. Foram reformados 13 Generais. Rebelam-se a fortaleza de Sta. Cruz. *Melo* se teria incompatibilizado com *Floriano* por causa da Revolução Federalista. Não conseguindo a pacificação gaúcha, deixa de ser seu Ministro. Conspira contra êle. Reinava em todo o país uma profunda agitação.

O MESTRE

Antes, porém, desses incidentes entre o Presidente da República e o *Almirante Mello*, estava o *Almirante Saldanha* na Fazenda do Colégio, quando ali foi ter um emissário do *Marechal Floriano*, afim de convidá-lo para assumir a Direção da Escola Naval. Isso foi em 1892.

Não obstante as restrições naturais que haviam sofrido as relações do *Almirante Mello* com *Saldanha*, com a atitude que este tomara, apoiando o Governo de *Deodoro* na Revolução de 23 de Novembro de 1891, esse pedido do Presidente da República viera reforçado pelo Ministro da Marinha, escolhendo este o dia 7 de Abril, dia dos seus anos, para nomeá-lo.

Não discutiu; acedeu com íntimo prazer a esse convite.

Para *Saldanha*, a Escola Naval foi o ponto culminante de sua carreira. Nenhuma comissão poder-lhe-ia ser mais agradável, mais oportuna, mais atraente e mais conforme aos seus íntimos anelos e patrióticos objetivos.

“Era um remanso onde podia consagrar-se inteiramente à formação das gerações novas da Armada, talhando-as à sua feição e nelas inculcando o “fogo sagrado”, a cujo calor se forjaria a têmpera da Nova Marinha”.

Nenhum outro posto lhe proporcionaria tão amplas oportunidades para o surto sem entraves das suas capacidades criadoras, da sua experiência sazoadada, da sua doutrina profissional. A nomeação do *Almirante Saldanha* para a Escola Naval foi um ato político do *Marechal Floriano*.

Entre os Aspirantes essa nomeação não foi agradável. Sua fama de disciplinador não se quadrava com a desenvoltura pouco militar que então lavrava naquele Estabelecimento. Os Aspirantes não o conheciam pessoalmente. Viram-no de longe uma vez, quando em um bordejo do brigue da Escola passaram perto do encouraçado *Riachuelo*, que ele comandava. O seu vulto, porém, diz *Souza e Silva*, excitava tôdas as imaginações, empolgava todos os espíritos e o seu nome estava em todos os corações.

O *Riachuelo* era então a belonave mais poderosa do Continente. *Saldanha* tinha-o como um brinco, no mais alto grau

de eficiência e de elegância. Os seus Oficiais e Marinheiros eram uma elite por êle formada.

Esse lindo navio estava amarrado à boia das Agulhas, a Oeste da Ilha-das-Enxadas.

Passar à fala do *Riachuelo*, fazer um "*butakoff* para ver Saldanha" — foi idéia que acudiu a todos a bordo do *Capiberibe*, que, com a fresca viração então reinante, bordejava na Guanabara.

Com a gente "o postos de manobra" — em gáveas, bujarona e vela ré, amuras a bombordo, relembra *Souza e Silva*, o nosso brigue aproximou-se belamente do "Colosso", a passar a poucos metros a seu sotavento.

Já de longe divisámos à ré do navio, de pé, apoiado nas balaustradas do "jardim da pôpa", observando-nos, de binóculo em punho, o Comandante da maior unidade da nossa Marinha de Guerra. Era *Saldanha*. Sentiamo-nos todos sob o seu olhar, alvos da sua inspeção; e não havia, nêsse momento, coração que não batesse apressado... Um silêncio absoluto, impressionante como o de um rito religioso, desceu da mastreação, onde os gageiros, sotas e homens do têrço se perfilavam em continência, ao convés, onde tôda a Escola, formada por gáveas, face voltada para o grande couraçado, fazia-lhe a saudação militar.

Saldanha nos aparece — um tipo robusto, erecto, numa atitude de comando, cheia de nobreza, de altivez e dignidade. Desce o binóculo que lhe encobria as feições e, deixando ver um rosto corado, jovial, a face larga, a cabeça grande, saúdãos, com um sorriso cheio de amabilidade; leva a mão direita à pala do bonet e corresponde num grande gesto elegante à nossa reverência. O brigue *Capiberibe* passava suavemente a contra bordo do encouraçado. "*Vieram pôr-se à sombra do Colosso*" — é a frase amável que o vento nos traz...

Uma espécie de recolhimento nos domina. Nós, os novos, tínhamos visto e ouvido *Saldanha*! Não o esqueceríamos nunca mais! Dentro em breve êle viria ser o nosso Diretor; mais que isto: o nosso Mestre querido, o nosso guia, o nosso amigo na alegria e na desgraça!

Já lá vão cinqüenta anos que êle desapareceu do cenário brasileiro, sem que houvesse, depois da sua morte, uma tão bela oportunidade como a que agora se nos apresenta — com a aproximação do seu centenário — para restabelecer, como uma honesta contribuição histórica e sem pretensões a biografia do grande brasileiro, a verdade a respeito da sua interessante personalidade, dos seus objetivos na Revolução de 93 e do papel que êste ilustre marinheiro patricio representou na vida nacional no Império e na República.

Sem preconceitos ou preocupações tendenciosas, aqui relembro os fatos, como realmente se desenrolaram. Faço-o lealmente, como coevo e testemunha do quanto se passou nos acontecimentos que estudamos, oferecendo êsses sinceros depoimentos à consideração dos pósteros. Não tenho o mínimo intuito de envolver ingratamente — e muito menos demolir nêste estudo, por sentimento partidário, quaisquer outras pessoas, por ventura colidindo com a vida pública do nosso grande e saudoso Mestre. Isto seria indigno de um Membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, do qual, além do mais, tenho a honra de ser Vice-Presidente.



A JUSTIÇA DE DEUS NA VOZ DA HISTÓRIA

Os assuntos históricos só podem ser apreciados por homens de caráter, cuja boa fé, sinceridade e honra sejam afinadas no alto diapasão do culto da Verdade e da Justiça — sem preconceitos ou paixões estorvantes da análise dos personagens e fatos considerados.

Nas “Revoluções que eu vi”, o *Almirante Saldanha* ocupa todo o meu horizonte. A sua história é empolgante:

Vêmo-lo sair da Fazenda do Colégio, em Campos, indo, com sete anos de idade, matricular-se no Colégio Pedro Segundo, nesta Capital. Em 1861 teve praça de Aspirante e, após um curso brilhante na Escola Naval, ingressou na Armada como Guarda-Marinha, em 1863; partiu, ato contínuo, para a guerra e ali distinguiu-se por atos da mais requintada bravura e pro-

vas de merecimento, que o fizeram ascender rapidamente aos mais altos postos.

O *Almirante Saldanha* não teve, até hoje, um verdadeiro biógrafo. A seu respeito há apenas algumas publicações e conferências, infelizmente incompletas, destacando-se entre elas o livro escrito, aliás com o fulgor do seu formoso espírito, por *José Eduardo de Macedo Soares* e os trabalhos recentemente publicados pelo saudoso *Almirante Augusto Carlos de Souza e Silva*, que pôs o seu belo talento ao serviço do estudo da ação do nosso Almirante sómente na Revolução de 1893 — deixando-nos, porém, ambos, sequiosos do exato e completo conhecimento de vários outros aspectos da vida daquele grande brasileiro — particularmente notável como Chefe ilustre na Armada, sábio educador, bravo marinheiro, hábil diplomata e incomparável leader e amigo dos seus comandados.

A sua fé de ofício é um longo rosário de demonstrações de valor em tôdas as comissões que lhe foram confiadas e que êle exerceu sempre com intenso brilho.

Felizmente, aproximando-se agora a data do seu centenário, o *Almirante H. A. Guilhem*, Ministro da Marinha e um dos mais prezados discípulos do nosso saudoso Mestre, desejoso de que a vida de *Saldanha* fosse fielmente esquadrihada sob todos os aspectos, teve a feliz idéia de confiar tão importante tarefa ao nosso insigne colega e confrade Comandante *Dídio Costa*, que é, além do mais, um brilhante escritor, afeito a êsses estudos. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, o ilustre Oficial aceitou essa honrosa missão e dela se está desincumbindo com a sólida cultura, conhecido critério e inexcedível retidão que caracterizam os trabalhos dêsse distinto e erudito historiador pátrio.

*

Após tantos anos da terrível hecatombe de Campo Osório, poderemos agora analisar serenamente aquela figura homérica, sem o amargor das tormentas daquela época, e, como disse o esperançoso Guarda-Marinha *Murilo Ribeiro Lopes*,

“sentindo a brisa mansa e refrescante da Verdade, que afasta o nevoeiro dos rancores políticos e nos permite ver em tóda a sua impressionante beleza a figura extraordinariamente interessante daquele grande marinheiro, que dedicava apaixonadamente tóda a sua existência ao Serviço da Marinha e do Brasil”.

*

Discípulos do grande Almirante que foi *Luiz Filipe de Saldanha da Gama*, os Aspirantes e Guardas-Marinha do seu tempo de Diretor da Escola Naval empunham depois da sua morte o facho da Veneração e da Saüdade, fazendo-se transmissores do seu Fogo Sagrado no Serviço da Armada, da sua Crença na linda carreira que professam; da sua Fé nos destinos da Pátria imortal, mantendo-se constantes cultores da Elegância, do Saber, da Bravura, da Integridade Moral e da Distinção da Marinha que êle nos legou como uma das mais autênticas expressões da Cultura, da Civilização e do Valor da Nação Brasileira.

Podemos fazê-lo agora serenamente. A dolorosa lembrança da horrível hecatombe do Rincão-de-Artigas — a 24 de Junho de 1895 — não nos fará tremer a pena desviando os nossos julgamentos históricos.

Foi nessa época, admiravelmente descrita por *Macedo Soares* nas emocionantes narrativas dos dramas então semeados no Sul do Brasil pela caudilhagem infrene, que aprendemos a querer ainda mais profundamente essa nobre figura de marinheiro que se fez mártir, “aureolado do mais puro caráter, rebrilhando das mais extraordinárias capacidades e que, comovente no prestígio de sua desgraça, tomava o caminho de Campo Osório”...

Parafraseando o que escreveu, com o intenso fulgor do seu privilegiado engenho, êsse notável escritor, direi que, “quando nos foi dado escolher profissão e destino, logo nos inclinámos para aquela cujas glórias nos despertaram o primeiro interesse e a primeira comoção da nossa infância; e, revestidos da farda e das âncoras dos nossos emblemas, nunca mais demos um

passo sem tropeçar no nome do Mestre, na sua lembrança, na sua lição, na sua vida e na sua morte, como se elle fosse o espirito da sua Classe, a sua Lei, o seu Principio e o seu Dever" . . .

Um dos mais típicos característicos do saudoso Almirante era a coragem indômita, que é "a fôrça moral capaz de fazer com que aquele que ama a vida e nela sente-se feliz, saiba arriscá-la e morrer com serenidade".

Distinguia-o um espirito ativo e prático que mostrava sua verdadeira superioridade sôbre seus subordinados, não simplesmente pelo valor hierárquico da sua "autoridade" ou do prestígio dos seus galões e regalias do seu pôsto, mas collocando-se realmente em plano elevado, com a afirmação indiscutível, a cada momento, de suas altas qualidades, e sendo, em tôdas as circunstâncias, o primeiro e um exemplo em tudo. Vinha de longe o seu renome e a sua glória.

Tão cedo concluída a guerra do Paragual, foi nomeado instrutor dos Guardas-Marinha em repetidos e longos cruzeiros. Representou o Brasil em missões diplomáticas na Áustria, nos Estados Unidos e na China.

Era então Capitão de Fragata. Comançava brilhantemente vários navios da Esquadra e particularmente o Cruzador Almirante Barroso, em viagem ao estrangeiro, e a corveta Parnaíba, nas Missões enviadas à Exposição de Buenos Aires e à Patagônia, conduzindo a Missão Científica Brasileira, chefiada pelo Dr. Luiz Cruls, que foi a Punta Arenas observar a passagem de Venus pelo disco solar. Acompanhava-o o Sr. Moreira da Silva, Chefe das Oficinas do Observatório Astronômico do Rio-de-Janeiro. Por um dos paquetes ingleses da linha do Pacífico, seguira, em tempo, para Punta Arenas o Senhor Gustavo Bumbelsperger, "um naturalista de fôrça e reputação". Os demais membros da Missão eram o Comandante e dois Officiais da Parnaíba, escolhidos, por comum acôrdo, entre o Dr. Cruls e o Comandante Saldanha. De como se houveram os nossos Officiais, dirigidos pelo seu erudito Comandante, prova-o o brilhante relatório por êste apresentado ao Governo Imperial.

Com a Parnaíba — a sua "Gazela" — descansando entre

os gelos do círculo antártico — escreveu *Macedo Soares* — “depois de observar e calcular como um sábio, *Saldanha* banhava-se nas águas glaciais como um Tritão nos trópicos”.

Foi promovido a Capitão de Mar e Guerra por merecimento. Comanda o Couraçado *Riachuelo*. E’ enviado em Missão Especial aos Estados Unidos. “Nos seus navios, rigorosamente disciplinados — de um asseio esplendente de altar novo; na sua câmara, entre os bronzes, cristais e porcelanas que êle mesmo escolhera entre os mais belos em bazares de Paris, Tokio e Pekim, ninguém sabia ao certo o que mais admirar — se a dóce energia com que mandava, se o carinho e presteza com que lhe obedeciam; se a sua verve, se o seu encanto, se a multiplicidade de línguas que falava com perfeita correção, ou se a harmonia e beleza dos seus gestos e maneiras”.

*

O HOMEM

Orador fluente, elegante *causeur*, musicista emérito, sociólogo, cultor apaixonado de ciências e letras, impressionava profundamente onde quer que aparecesse na sociedade. Era o Oficial mais belo e elegante da Marinha do seu tempo e o mais fino cavalheiro que se pôde imaginar, em maneiras, atitudes e expressões fidalgas.

“Conhecia todos os poetas antigos: Citava *Shakespeare* e *Dante*, a cada passo, com toda a oportunidade, na língua em que foram escritas essas obras primas do espírito humano. —

“Não havia um só dos grandes poetas contemporâneos, da França, da Inglaterra, da Alemanha ou da Rússia, da Itália ou da Hespanha, de Portugal ou do Brasil, que êle não houvesse lido e não sublinhasse com uma palavra de critica, fosse ela de entusiasmo ou de desabono para o escritor” (*Luiz Murat*).

Esse o Diretor que o destino daria, pouco depois, à Escola Naval —o Mestre diante de cuja sagrada memória nos curvamos reverentes e cujo centenário desejamos comemorar solenemente.

Iniciava-se então, com a sua nova comissão na Ilha-das-Enxadas, o primeiro episódio de uma epopéia...

“Campo Osório a concluiria”, diz *Augusto Carlos de Souza e Silva*.

(*Continua*)